

MULHERES TRABALHADORAS RURAIS

TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

MARIA APARECIDA DE MORAES SILVA

Enquanto interpretava as histórias relatadas neste artigo, minhas lembranças registraram muitos momentos compartilhados nos idos de 1981 e 1982, na Unesp – Marília, quando tive a oportunidade de conviver com a saudosa Elizabeth Souza Lobo. Dedico à sua memória estes escritos.

Há sempre algumas lembranças dominantes, verdadeiros pontos brilhantes em torno dos quais os outros formam uma vaga nebulosidade. Estes pontos brilhantes multiplicam-se à medida que se dilata a nossa memória (BERGSON, 1990, p. 140).

RESUMO *A proposta deste texto é analisar algumas trajetórias de trabalhadoras rurais sob a ótica do trabalho. O estudo das histórias de vida dessas mulheres – quer seja nas áreas de cultivo de café, laranja, cana-de-açúcar, cebola, amendoim, tomate, manga, no estado de São Paulo, quer seja nas veredas e grotas do Vale do Jequitinhonha (MG), ou nos babaçuais maranhenses – revelou que suas trajetórias são bastante assemelhadas. Desde pequenas, foram inseridas no trabalho doméstico, incluindo o cuidado com os irmãos menores de idade, na roça, por meio da ajuda aos pais nas mais variadas atividades. A história oral foi a metodologia empregada para a análise dos depoimentos.*

PALAVRAS-CHAVE *Trajetórias femininas; memórias femininas; trabalhadoras rurais.*

ABSTRACT *This paper aims at analyzing rural female workers' trajectories. Their life stories' study shows that whether they work in São Paulo state's growing of coffee, oranges, sugar canes, onions, peanuts, tomatoes and mangos, in Jequitinhonha Valley's lowlands or in the Maranhão babaçu forest, their work trajectories are very similar. From their youngest age, they are forced into domestic work which includes taking care of the younger siblings. They also have to help their parents with various activities in the field. The oral history method was used to analyze the testimonies.*

KEY WORDS *Women's trajectories; women's memories; female rural workers.*

A proposta deste texto é analisar algumas trajetórias de mulheres trabalhadoras rurais sob a ótica do trabalho, levando-se em conta os fluxos e refluxos presentes em diferentes momentos da vida delas. Essa análise é ancorada na ideia segundo a qual as trajetórias não seguem um caminho reto, linear, e as situações de aceitação, submissão e recusa são duas faces da mesma moeda. A trajetória é entendida não como de um indivíduo singular, mas de um indivíduo que pertence a um determinado grupo social. Os desvios e as recusas podem ser compreendidos num determinado contexto social.

O estudo das histórias de vida dessas mulheres – quer seja nas áreas de cultivo de café, laranja, cana-de-açúcar, cebola, amendoim, tomate, manga, no estado de São Paulo, quer seja nas veredas e grotas do Vale do Jequitinhonha (MG), ou nos babaçuais maranhenses – revelou que suas trajetórias são bastante assemelhadas. Desde pequenas, foram inseridas no trabalho doméstico, incluindo o cuidado com os irmãos menores de idade, na roça, por meio da ajuda aos pais nas mais variadas atividades. Nos limites deste texto, serão priorizadas as lembranças do trabalho realizado sob o pano de fundo das organizações sociais de classe, gênero e etnia.

Em São Paulo, a grande maioria trabalhou desde a idade de 5 anos no corte da cana, quando vigorava o sistema de feixes. Nessa atividade, as crianças se incumbiam de amarrar os feixes, cortados pelos adultos, com a folha da cana, que, em seguida, eram transportados à usina. Ademais se incumbiam de cuidar dos irmãos menores, levados pelos pais aos locais de trabalho ou deixados em casa.

Em outros espaços sociais, no vale do rio Jequitinhonha (MG), dedicavam-se ao trabalho da roça, da casa, da produção de farinha, do artesanato de argila e também da tecelagem. Na região dos cocais maranhenses, o trabalho constituiu-se no principal elemento socializador de meninas junto às mães quebradeiras de coco-babaçu.

Em virtude do vertiginoso processo de reestruturação produtiva, implantado pelas usinas de cana-de-açúcar, sobretudo em São Paulo, a partir da década de 1990, as mulheres foram paulatinamente perdendo muitos postos de trabalho e sendo substituídas por homens jovens e migrantes. Atualmente, restam-lhes, em alguns casos, as tarefas mais precárias e mais perigosas à saúde, como o manuseio de agrotóxicos, atividade que já ocasionou a morte ou o aparecimento de doenças graves, como o câncer, em muitas delas. O que está ocorrendo é um processo de reconfiguração do trabalho caracterizado pelo aumento da intensidade da exploração e por novas formas de divisão sexual do trabalho. Assim as mulheres foram praticamente alijadas do corte manual da cana, tarefa executada pelos homens, e transferidas para atividades insalubres, precárias e penosas, como a recolha das “bitucas”, o plantio, a distribuição de veneno em plantações do eucalipto, a colheita de manga, tomate, laranja, cebola por meio da inserção em turmas, contratadas por empreiteiros de mão de obra, circulando de uma plantação à outra durante todo o ano (SILVA, 2011).

As histórias de vida não se constituem em narrativas ordenadas, lineares, com começo, meio e fim. Tal como adverte Bourdieu, “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (1998, p. 185).

Os “pontos brilhantes” das narrativas compõem cenas das quais fazem parte tanto a esfera privada como a pública. Na realidade, essas cenas não aparecem dissociadas. O mundo dos naviais das usinas com a alta tecnologia e o emprego de um severo sistema de controle e disciplina acha-se imbricado ao mundo dos filhos, da casa e dos companheiros/maridos (SILVA, 1999). Nesse sentido a submissão e a resistência brotam da junção des-

ses dois mundos. A compreensão das diferenças e das similitudes das trajetórias, assim como a descoberta dos “pontos brilhantes” que articularam as distintas narrativas, foi definindo uma espécie de mitobiografia, que reflete a imagem dessas mulheres e que será discutida mais adiante.

O universo simbólico da religião judaico-cristã é um dos componentes da ideologia do poder patriarcal que domina as relações sociais nas quais se acham inseridas essas mulheres. Os relatos são eivados da concepção do patriarcado em que a mulher ocupa o lugar do oprimido, portanto de objeto e não de sujeito. O sofrimento faz parte de suas representações e autorrepresentações. Na concepção religiosa, Deus possui o controle de todos os homens e da natureza e, para agradá-Lo, é preciso percorrer o árduo caminho da obediência e submissão. Em muitas ocasiões, o sofrimento, advindo da relação com os filhos e maridos, é parte constitutiva do destino de gênero. Mulheres que não abandonam os filhos, que suportam a violência e o alcoolismo dos maridos durante toda vida, são muito frequentes. Raras são aquelas que logram romper com esse destino. Muitas carregam o complexo da culpa, como se tratasse de um pecado original. A estruturação dessas ideias se apoia na base material das relações patriarcais. O conceito de ideologia permite a interpretação da inversão necessária à dominação.

A ideologia consiste em um projeto político de estruturação da sociedade por inteiro, segundo os interesses da classe social/categoria social que o elaborou [...], a ideologia tem a pretensão de expressar o “interesse comum”, o “interesse geral”, o “interesse de todo”. Obviamente, isto é uma ficção, na medida em que a sociedade está organizada na base de contradições. A ideologia, entretanto, se apresenta como se fosse produzida pelo conjunto da sociedade e em seu benefício. Desta sorte, é fundamental ressaltar o que há de muito singular na ideologia: a inversão dos fenômenos [...]. A representação, ao contrário, aspira à completude [...]. Autores/atores de representações têm

do fenômeno representado um retrato inteiro e operativo [...], a representação não se confunde com a vivência, mas se aproxima do refigurar a vivência. Trata-se das imagens que as vivências assumem no nível simbólico e de cuja elaboração o inconsciente, individual e coletivo, participa ativamente (SAFFIOTI e ALMEIDA, 1995, p. 49).

A submissão à figura do pai autoritário, por meio de muitas lembranças de violência física, é um dos reflexos do conteúdo da ideologia do patriarcado, extensivo ao espaço do trabalho na roça, onde a figura do pai-patrão se confundia com a dos feitores das fazendas e empresas (SILVA, 1997; ANDRIOLLI, 2006). A fim de dar respaldo a essa análise, serão incluídas algumas passagens bíblicas. Considera-se a Bíblia como ilustração simbólica das religiões cristãs e também como uma parábola do nascimento do patriarcado na versão religiosa.

A princípio tudo é bom, como Deus o fez. Pela rebeldia do homem, entra o mal, a morte, a discórdia e o fratricídio, a vingança desmedida, a depravação, que solta o dilúvio, a arrogância que confunde as línguas. Depois do dilúvio, Deus começa uma nova ação num ponto da história, num homem. E sob a ação de Deus, a história, antes do pecado crescente, faz-se agora salvação ascendente: cresce e ramifica-se a vida dos patriarcas, evita-se o fratricídio, recompõe-se a família, e o livro termina pela declaração de José: Vós intentastes fazer-me o mal, mas Deus trocou esse mal por bem, a vida. E, da costela que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher, que Ele lhe apresentou. Então disse Adão: Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne da minha carne. Esta se chamará Virago¹ (GN 50, 20).

E Adão pôs em sua mulher o nome de Eva. [Eva vem de uma raiz hebraica que significa viver.] Eva havia de ser mãe de todos os viventes (GN 3, 20). Se um enganar uma donzela, que ainda não está ajustada para casar e a corromper, ele a adotará, e ele mesmo casará com ela. Se o pai da donzela lha

¹ Virago: como em hebraico "mulher", *ishsha*, parece derivar de *ish* (varão), tanto o tradutor latino como o português tentaram imitar o jogo das palavras do original, difícil de reproduzir em nossa língua (AUGRAS, 1980), porque de "varão" foi tomada. "Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher e serão dois numa só carne". (GN2, 22-24).

não quiser dar, dará o corruptor ao pai tanto em dinheiro, quanto é o que se costuma dar em dote a uma donzela (EX 22, 16-17).

Se uma mulher, tendo usado do matrimônio, parir macho, será imunda sete dias e estará separada da mesma sorte que nas suas purgações menstruais. Ao oitavo dia, será o menino circuncidado. E ela ficará ainda trinta e três dias a purificar-se das consequências do parto. Não tocará coisa alguma santa, nem entrará no santuário, até se acabarem os dias de sua purificação. Se ela parir fêmea, será imunda duas semanas, como nas suas purgações menstruais, e ficará sessenta e seis dias a purificar-se das consequências de seu parto (LV 12, 2-5).

Se um homem casar com uma mulher e depois lhe criar aversão e buscar pretexto para repudiar, imputando-lhe um crime vergonhoso e disser: eu me recebi com essa mulher, mas, quando fui deitar com ela, não a achei virgem: seu pai e sua mãe pegarão nela e levarão consigo os sinais de sua virgindade aos anciãos da cidade que estão à porta, e o pai dirá: eu dei minha filha por mulher a este homem, mas, como ele agora lhe tem aversão, impõe-lhe um crime vergonhoso, dizendo: eu não achei virgem tua filha: e, contudo, eis aqui os sinais de virgindade de minha filha: ao mesmo tempo, estenderão a roupa na presença dos anciãos da cidade; e os anciãos daquela cidade pegarão no marido e fá-lo-ão açoitar, condenando-o em cima a pagar cem ciclos de prata, que ele dará ao pai da moça, porque desonrou com uma acusação de infâmia uma virgem de Israel; e ela ficará sendo sua mulher, e não poderá repudiá-la enquanto viver. Porém, se o que ele opõe é verdade e a moça não se achou virgem: lançá-la-ão fora das portas da casa de seu pai, e os habitantes daquela cidade a apedrejarão e ela morrerá, porque cometeu um crime detestável em Israel, tendo caído em fornicção em casa de seu pai e tu tirarás o mal do meio de ti. Se um homem dormir com a mulher do outro, morrerão os dois, isto é, o adúltero e a adúltera: e tu tirarás o mal de Israel (DT 22, 13-30).

Não sejas cioso da mulher do teu seio, para que não descubra contra ti a malícia da tua má conduta. Não dês à mulher poder sobre a tua alma para que não se levante contra tua autoridade e fiques envergonhado; não olhes para a mulher de muitos quereres, para que não suceda caíres nos seus laços. Toda mulher que é prostituta será pisada como esterco no caminho (ECLO 9, 2 e 10).

Da mulher nasceu o princípio do pecado, e por ela é que todos morremos (ECLO 25, 35).

Além dessas passagens do Antigo Testamento, vale a pena serem lembradas algumas do Novo Testamento.

Conforme comentário da Bíblia, “Jesus afirma a indissolubilidade do casamento”, citando Gênesis 2, 24, que exclui o divórcio e a poligamia, e restitui ao matrimônio a sua primitiva dignidade.

Sede submissos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres aos seus maridos, como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como o Cristo é a cabeça da Igreja, ele, o salvador do corpo [...]. Ora, como a Igreja está sujeita ao Cristo, assim as mulheres estão sujeitas em tudo a seus maridos. Maridos, amai vossas esposas como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de a santificar e purificar pela água do batismo e pela palavra, e fazer com que comparecesse diante de si resplandecente, sem ruga nem mancha, ou algo de semelhante, mas santa e imaculada. Assim também os maridos devem amar suas esposas como aos seus próprios corpos. Quem ama sua esposa, ama a si mesmo (EF 5, 21-33).

Quero igualmente que as mulheres estejam vestidas de modo decente, enfeitando-se com pudor e sobriedade: não com cabeleiras frisadas, ouro, pérolas ou luxuosos vestidos, mas antes ornadas de boas obras, como convém a mulheres que fazem profissão de boa piedade. Durante a instrução, a

mulher deve permanecer em silêncio, com inteira submissão. Não permito que a mulher ensine ou tenha domínio sobre o homem, mas deve permanecer calada. Pois Adão foi criado primeiro, e Eva depois. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher, seduzida, caiu em pecado. Poderá, contudo, salvar-se pelos filhos, se perseverar na fé, caridade e na santidade, unida à modéstia (CL 3, 18-19).

O conteúdo da ideologia religiosa reforça o patriarcado enquanto instituição que explica a inferioridade das mulheres.

Afirmar que o patriarcado se presta a estas funções significa asseverar sua capacidade de penetrar, enquanto instituição, em todas as demais instituições, aí incluso o Estado, no corpo e na psique de todos os membros do grupo humano considerado, em todas as áreas do saber, sendo, muitas vezes, legitimado pelo estatuto científico de certos conhecimentos (SAFFIOTI, 2003, p. 6).

Muitas são as passagens bíblicas que afirmam a submissão da mulher ao homem e a Deus. Em virtude do pecado de Eva, a mulher é considerada pela religião judaico-cristã desobediente e portadora de todos os males que povoam o mundo, sendo culpada pela desobediência a Deus. Essa concepção difunde a ideia de sofrimento e doação da própria vida para conseguir a salvação do pecado original, cometido por Eva. Outro traço marcante diz respeito à salvação pelo caminho da maternidade. No tocante às mulheres do Vale do Jequitinhonha e da região dos cocais maranhenses, a maternidade é o centro de suas vidas. Encontrei mulheres que chegaram a ter 20 filhos! Uma delas, em Timbiras (MA), com apenas 17 anos já possuía 4. Outro dado de pesquisa, muito comum nos depoimentos, é a realização da relação conjugal por meio da geração de filhos. Assim, se o casamento é desfeito e, em seguida, a mulher se unir a outro homem, ela busca a gravidez, a fim de “dar ao novo companheiro um filho”. Uma das entrevistadas chegou a afirmar que, após o

quinto filho, havia feito a laqueadura, mas, em virtude de um novo relacionamento conjugal, iria procurar um médico na esperança de “desfazer a laqueadura” (sic), para engravidar, pois assim era a vontade de seu novo marido. Essa situação reflete as relações patriarcais nas quais se acham inseridas, posto que a virilidade do homem é confirmada pela geração de um filho e também para que ele não se sinta inferiorizado sexual e socialmente, em virtude de viver com a mulher que teve filhos com outro homem. Esse padrão de comportamento masculino, aceito pelas mulheres, as conduz, com muita frequência, a ter muitos filhos com pais diferentes (SILVA et al., 2007).

Tais ideias povoam de diferentes maneiras as percepções das mulheres trabalhadoras rurais. Autorrepresentam-se enquanto sofredoras, portadoras de culpa, da qual se libertarão somente mediante uma vida pautada pela fé e resignação. Como foi dito acima, muitas não conseguem se libertar desse pesado fardo. No tocante aos maridos, boa parte delas cede diante da violência de gênero e do alcoolismo, enquanto outras conseguem subverter esse destino. Entretanto, quando o fazem, assumem a maternagem sozinhas ou com a ajuda de outras mulheres. De qualquer modo, nesse momento se consideram libertas. No que concerne às mulheres negras, recai sobre elas o peso da discriminação étnico-racial. Durante as entrevistas, procurou-se desvelar esse aspecto, pois a maioria delas afirmava não sofrer de preconceito racial. Mantinha-se sobre esse aspecto um silêncio muito grande. Em algumas ocasiões, chegavam a admiti-lo, embora sempre procuravam mostrar que elas reconheciam seu lugar, isto é, lugar de negro, confirmando as palavras do professor Milton Santos, segundo o qual o racismo brasileiro é um racismo cordial. Conquanto, outras revelaram consciência a respeito da condição negra ao relatarem sobre várias situações em que foram discriminadas, momentos em que se rebelaram (SILVA, 1999). No entanto, mesmo quando cedem, não significa que são vítimas passivas. “Ceder não é consentir”, segundo as palavras de Mathieu (1985).

Nós íamos indo pra São Carlos, e no ônibus uma moça começou a me insultar. Olhava para mim, só porque ela trabalhava na fábrica. Então ela olhava pra mim e falou: “Você continuou ainda sendo pé de cana, pé vermelho?”. Olha, eu não aguentei, eu fiquei nervosa e dei dois tapas na cara dela, falando assim: “É um serviço suado e é um serviço digno. Qualquer serviço é digno, quando a gente tem vergonha na cara e quando a gente trabalha e luta pra ganhar o próprio sustento”. Foi o que eu falei pra ela. Aí o motorista do ônibus falou assim: “Muito bem” (Clarice, 71 anos, depoimento colhido em Ibaté (SP), 2005).

Na realidade são tecidas muitas contradições alicerçadas pelo processo de socialização e pela experiência forjada durante suas vidas.

Com o intuito de aprofundar a análise, recorre-se a Thompson e a Bourdieu.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos [...], não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] das mais complexas maneiras [...], e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 182).

A sociedade existe sob duas formas inseparáveis: por um lado as instituições que podem revestir a forma de coisas físicas, monumentos, livros, instrumentos etc., por outro lado, as disposições adquiridas, as maneiras duráveis de ser ou de fazer que se encarnam nos corpos (e que eu chamo de *habitus*). O corpo socializado [...] não se opõe à sociedade: ele é uma de suas formas de existência. [...] o coletivo está dentro de cada indivíduo sob a forma de disposições duráveis, como as estruturas mentais (BOURDIEU, 1983, p.24).

As reflexões anteriores nos ajudam a compreender dois pontos essenciais: a história enquanto processo, isto é, além das condições objetivas ou estruturais, há as ações dos indivíduos. Portanto, existe uma relação estreita entre indivíduo e sociedade, de um lado, e, de outro, há que se considerarem as diferentes maneiras com que cada indivíduo “trata”, elabora os elementos incorporados pela sociedade.

Ao reconstruírem suas histórias singulares, as mulheres fazem uma verdadeira viagem de volta a situações distantes da sua memória, retirando da experiência vivida relatos permeados de dramaticidade, emoções, simbolismo, frutos não de uma mera descrição do passado, mas de sua recriação e revivificação. Dispõem de suas próprias histórias e daquelas relatadas por outras que deixaram marcas em suas memórias. É nesse momento que as memórias individuais entrecruzam com a memória social, coletiva. Os relatos constituem-se em fragmentos significativos para cada uma das narradoras. De acordo com os dados coligidos, as trajetórias femininas não as reduzem ao espaço doméstico. Muito ao contrário, elas transitam pelos dois espaços, o público e o privado, e frequentemente assumem a criação dos filhos após a morte e/ou o abandono pelos maridos. Desta sorte, suas lembranças são permeadas pelas imagens dos dois espaços. Não existe uma dicotomia entre público e privado, embora, no tocante à memória masculina, ela se concentra muito mais nas imagens dos acontecimentos do espaço público. Esse dado é importante para mostrar que as mulheres transitam pelos dois espaços, o mesmo não ocorrendo em relação aos homens, fixados no mundo do trabalho extracasa.

Tornaram-se evidentes as diferenças de gênero incorporadas nas respectivas memórias. A memória feminina aparece eivada das práticas de uma experiência acumulada no mundo privado e também no público. Mediante os relatos, notou-se que elas guardam em suas memórias as lembranças das dificuldades em lograr trabalho, a fome, o trabalho escondido, a sopa de mandioca

como único alimento existente em vários momentos de extremas dificuldades. Admitindo-se que a memória seja sexuada, pode-se inquirir sobre quais os elementos significativos das experiências femininas e masculinas acumuladas durante o tempo, e quais se constituem no conjunto daqueles indizíveis, daqueles que permanecem no escuro das lembranças. O campo do silêncio, do indizível é atravessado não somente por esses traços relativos à organização de gênero, como também de classe e raça/etnia. É assim que se entende a experiência acumulada durante a vida. No entanto, os relatos incluem o campo do dizível e do indizível. Aí reside a necessidade da perspicácia do pesquisador para captar esses elementos escondidos, reprimidos.

Ademais do destino de classe, recai sobre elas o destino de gênero. Segundo Lobo (1991), a subordinação da mulher na sociedade capitalista fundamenta-se no papel que elas desempenham enquanto sexo. Elas são definidas pela função de reprodutora natural ligada à reprodução biológica. Daí a importância que assume o trabalho doméstico. A fusão desses dois papéis é tão íntima que é considerada natural e a aceitação da naturalidade dos processos ocorre também dentro da família. É no interior da família que é construído o destino de mulher. Como foi dito anteriormente, as dimensões das relações patriarcais transcendem a esfera familiar. Assim sendo, o destino de gênero é moldado tanto pela socialização quanto pela experiência de vida. Adota-se neste estudo o conceito de gênero segundo Lauretis, para quem o gênero não é apenas uma construção sociocultural, mas também um aparelho semiótico, “um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição no sistema de parentesco, *status* na hierarquia social etc.) aos indivíduos no interior da sociedade” (1987, p. 5). Ao comentar esse conceito, cunhado por essa pensadora, Saffioti e Almeida afirmam:

A concepção relacional de gênero elaborada por Lauretis encaminha-a para analisar o fenômeno de sua construção

simultaneamente enquanto produto e enquanto processo de sua representação. Na qualidade de produto, o gênero resulta da atuação de tecnologias de gênero [...]. Nestas circunstâncias, a “construção do gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da autorrepresentação” [...]. Neste contexto [...], o gênero também designa contingentes humanos movidos pelas representações do outro e autorrepresentações do masculino e feminino (1995, p. 21).

A essas reflexões pode-se acrescentar o conceito de “mitobiografia” utilizado por Luisa Passerini, a partir de Ernst Berhard: “mitobiografia” significa “mitologema”, que é a base do destino de uma pessoa (PASSERINI, 1993, p. 39). Essa autora analisou as histórias de vida de mulheres militantes das Brigadas Vermelhas na Itália, chegando à conclusão de que, em todas aquelas histórias, havia a presença de muitos arquétipos, isto é, que o coletivo estava presente no inconsciente coletivo, mas o mais importante, segundo sua análise, é considerar as histórias de vida singulares, pois elas revelam os elementos da diferença. Na realidade, existe uma espécie de “submissão da pessoa ao seu destino individual”. A história de vida é um método fundamental porque a biografia singular é, sobretudo, o *récit* de um destino único. A ideia de destino, segundo meu entendimento, não se refere a algo predeterminado, fora da vida dos indivíduos, porém à ideia segundo a qual a trajetória é forjada no contexto social ao qual o indivíduo pertence. Por outro lado, a “submissão ao destino”, o *récit* único não são termos incongruentes, porque pressupõem a ação de cada indivíduo diante da realidade social encontrada. Caso contrário, os indivíduos seriam massas amorfas, meros resultados da sociedade, em que não haveria lugar para a singularidade das trajetórias e tampouco para a recusa.

Nesse sentido, as contribuições de Battagliola et al. (1991) são também muito importantes. Para apreender a trajetória social, esses autores aplicaram questionários e realizaram

“entrevistas biográficas” com os mesmos entrevistados, fazendo “uma aproximação em termos de inter-relações entre o campo profissional e familiar” (BATTAGLIOLA et al., 1991, p. 18). Consideram a entrevista biográfica e o questionário técnicas ou métodos complementares. A entrevista é um método privilegiado para apreender a subjetividade das pessoas, enquanto o questionário permite maior objetivação dos dados, segundo essa autora.

Para o tratamento dos materiais, utilizaram o método dos *portraits*, com o objetivo de “apreender como se articulam as diferentes dimensões familiares e profissionais no curso do itinerário biográfico, as quais implicam evidenciar os acontecimentos que assinalam os pontos de inflexão e os momentos de recomposição das trajetórias” (BATTAGLIOLA et al., 1991, p. 18).

Considerando que o questionário não leva em conta as atividades ocasionais, os “bicos”, a atividade profissional dos entrevistados, contudo, eles são o que se referem aos *événements* “mais confiáveis”, quando se trata de datas, dados e informações quantificáveis. O questionário biográfico permite apreender o impacto de alguns eventos ao longo das trajetórias, como mudanças de atividade ou de emprego, de recomeço, de períodos de desemprego, o início da vida de casado, a chegada dos filhos, e assim por diante.

O questionário é mais utilizado para apreender a “paisagem social familiar” na qual se origina a trajetória da pessoa interrogada: profissão dos pais e dos avós, escolarização, situação financeira da família e os eventuais “acidentes” surgidos durante a infância e a juventude. Mas o questionário é limitado para apreender os efeitos dos “acidentes familiares” sobre as trajetórias, ou as relações que se estabelecem no espaço familiar, que podem “modificar definitivamente os percursos”, assim como “as solidariedades familiares”, utilizadas como “um recurso contra a precariedade”.

A entrevista, ao contrário, apreende “o percurso geográfico das pessoas” e, principalmente, as razões do deslocamento. Ela permite um melhor conhecimento dos lugares geográficos onde viveram as pessoas entrevistadas, possibilitando captar a existência de “redes de parentesco”, muitas vezes “decisivas para a sobrevivência familiar ou a mobilidade social”. Por meio do *récit de vie*, é possível compreender porque as pessoas partiram, porque elas voltaram, ou porque elas permaneceram no lugar de origem.

As questões suscitadas nas entrevistas “apelam para a experiência subjetiva dos entrevistados”. O conjunto das informações apreendidas no questionário biográfico possibilita ver o que nos dizem as trajetórias dos entrevistados “em comparação com o que sabemos através das entrevistas”. A entrevista e o questionário permitem “julgar melhor o peso dos imprevistos na configuração das trajetórias” (BATTAGLIOLA et al., 1991, p. 230).

Em linhas atrás, considerou-se a “trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1998, p. 189). O mesmo autor acrescenta uma reflexão extremamente importante para a análise da realidade estudada. A história de vida não segue um caminho linear, como já foi mencionado em linhas atrás.

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um projeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações [...]. *O que vale dizer que não podemos compreender uma trajetória [...] sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente*

considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis (BOURDIEU, 1998, p. 189-190, grifo nosso).

Portanto, a questão colocada nesse momento diz respeito à relação entre *estrutura* e *sujeito*. Sustenta-se aqui a tese marxiana, segundo a qual o homem faz a história em condições determinadas. Não se concebe nem um sujeito absoluto capaz de produzir a história acima dela própria, nem tampouco um sujeito passivo, massacrado pela estrutura. Ademais, concebe-se a história enquanto processo, portanto, sem ponto final predeterminado. Esse posicionamento teórico se constituiu num verdadeiro guia para a produção e análise das trajetórias individuais e sociais. Desse modo, os *portraits*, os retratos, bem como as trajetórias individuais, foram organizados segundo esses parâmetros teóricos. O emprego das entrevistas e dos questionários biográficos permitiu o cruzamento da situação profissional e familiar. Essas duas técnicas de investigação são complementares. Por meio das trajetórias, foi possível compreender as mudanças sociais e profissionais, além de definir os retratos, isto é, os caminhos traçados durante toda a vida, os acontecimentos importantes, os momentos-chave, que definem as situações de mudanças. Essa metodologia de pesquisa nos permitiu definir a cartografia da vida dessas pessoas. São caminhos com muitas voltas, muitos fragmentos e pontos de silêncio (POLLAK, 1989; VILANOVA, 1998, p. 32; SILVA, 1999; MEYER, 1998, p. 128).

As trajetórias das mulheres trabalhadoras rurais pressupõem uma vida modelada sobre uma rede, cheia de buracos, que são as zonas de silêncio. A interpretação das zonas de silêncio foi possível graças ao emprego de outras técnicas de pesquisas, como a interpretação de fotos, por meio das quais muitas situações não ditas foram reveladas.

O tempo da memória segue um caminho inverso ao do tempo real: quanto mais vivas as lembranças que vêm à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram. Cumpre-nos saber, porém, que o resíduo, ou o que logramos desencavar desse poço sem fundo, é apenas uma ínfima parcela da história de nossa vida. Nada de parar. Devemos continuar a escavar! Cada vulto, cada gesto, palavra ou canção, que pareciam perdidos para sempre, uma vez reencontrados, nos ajudam a sobreviver (BOBBIO, 1997, p. 54).

IMAGENS DO TRABALHO

Feitas essas considerações, apresento, em seguida, alguns excertos de entrevistas, priorizando, nos limites deste texto, as imagens do trabalho.

Depois que o meu pai derrubou a casa em São Paulo, nós viemos pra Tamoio² e, quando chegou em Tamoio, eu não sabia cortar cana. Nunca tinha visto talhão de cana porque lá era só firma [...]. Aí eu fui cortar cana, com 11 anos de idade, fui com meu avô. Meu avô cortava cana de joelho e ele me ensinou a amarrar a cana, ensinou eu cortar cana, amarrar cana e depois eu peguei o jeito da cana, comecei a cortar. Comecei a cortar cana, depois ninguém pegava eu mais. Fiquei mesmo craque na cana, na malícia do serviço [...]. E fui trabalhando. Cheguei a tirar três concursos de primeira cortadeira de cana em Tamoio. Tinha medalha até pouco tempo atrás aí guardada. Eu cortava 100 feixes de cana e amarrava (Clarice, 71 anos, depoimento colhido em Ibaté (SP), 2005).

2 A depoente se refere à Usina Tamoio, em Araraquara (SP).

Mudamos para as Cabaceiras³ quando eu tinha 12 anos. Aí, lá na fazenda trabalhava em três, era eu, o meu pai e meu irmão, e a minha irmã era pequenininha, e tinha o outro irmão meu que era doente, então, ficava em casa. E o meu irmão brigou com o homem lá e o homem mandou

3 Fazenda na região de Araraquara.

nós embora, porque ficaram só dois para trabalhar. Ficaram o meu pai e eu para trabalhar. Aí, nós viemos para o Taquaral, nós moramos no Náutico ali, também. No Náutico eu trabalhava de empregada olhando uma menininha. Aí, eu acidentei também no serviço picando cana. Nós trabalhávamos com máquina de moer cana, nós tratávamos de cavalo, de vaca, de carneiro, nós fazíamos de tudo. Nós fazíamos cerca, eu com ela aí, com a minha irmã, na Fazenda Santa Adelaide. Nós vivíamos trabalhando! Eu cortei a minha mão, eu tinha 15 anos (Maria, 45 anos, depoimento colhido em Rincão (SP), 2004).

No café, desde muito pequenas, acompanhavam os pais tanto no período do plantio como da colheita. No que tange a esse produto, antes das grandes transformações impostas pelo Plano de Revigoração dos Cafezais durante a década de 1960, que consistiram na destruição de milhões de cafeeiros, introdução de novas variedades e mudanças técnicas em todas as fases do processo produtivo, a presença do trabalho infantil era uma constante tanto no plantio, como na colheita (SILVA, 1999). Após a abertura das covas, feitas a enxadão pelos homens, as crianças se incumbiam de colocar as mudas de café e cobri-las com a terra. Em seguida, armavam “uma barraquinha” com rachas de galhos e troncos de árvores, geralmente das paineiras, sobre cada uma das covas. Tais “barraquinhas” se assemelhavam às arapucas feitas pelos meninos, para aprisionarem os passarinhos. Essa forma de cobertura das mudas era essencial para que elas não fossem queimadas pelo sol. Assim que vicejavam, as “barraquinhas” eram removidas. Na fase da colheita, o trabalho das crianças consistia em “apanhar” o café na saia, ou seja, nas ramas baixas, condicionadas à baixa estatura de meninos e meninas, e limpar os troncos do cafeeiro.

Eu comecei trabalhar criança. Amarrar cana, ainda era feixe, não era que nem é agora, corda e esteira, amarrava os feixes de cana. Naquele tempo eram sete canas, os caras ainda

vinham contar pra ver se era o certo. Meu menino mais velho era pequeno ainda, começou a trabalhar de pequeno. Aí eu cortava as canas e falava pra ele: “É desse tanto que é pra você amarrar”. E era só com o ponteiro da cana, não era corda não. Era com o ponteiro da cana que amarrava.

Você passava o ponteiro da cana e amarrava de lá e de cá. Naquele tempo era sem luva, sem sapato, de chinelo de dedo. Eu não tinha disso não, chapéu, sem lenço na cabeça, sem luva, sem nada. Nem meião (meia grande), tudo de chinelo. Eu sofri naquele tempo. Todo mundo. Não tinha negócio de caneleira também, não. O povo aqui é bem mordomia. Deus me livre, por isso que eu não gosto de cana. Antes eu morava na Fazenda Santo Antônio de Pádua. Era uma colônia [...]. Toda vida eu gostei do café, toda vida, desde criança quando minha avó mexia com café eu também trabalhava com café; limpar tronco, não deixar nenhum grão de café no meio dos troncos dos pés de café, tudo isso eu fazia desde pequena. Eu tinha uns 7 ou 8 anos. Lá na fazenda as crianças todas trabalhavam no café. Faziam pau pra limpar tronco, aí limpava com o tronco e limpava com as mãos, assim [gesticulação]. Os meninos limpavam com o tronco e outro menino ia varrendo. Agora lá em Minas nós não limpávamos troncos, não. Lá era sossegado. Foi meu pai quem me ensinou a trabalhar no café. Quando eu era mocinha, minha mãe falava: “Cícera, você fica em casa, filha, eu vou pra roça; amanhã eu fico e você vai”. “Ah, mãe, todo dia a mãe está indo pra roça”. Eu cuidava dos pequenininhos, então ela ia pra roça e me deixava (Cícera, 50 anos, depoimento colhido em Guariba (SP), 2010).

Vou falar a verdade. O primeiro menino meu, pra eu trabalhar na roça, ele era pequenininho, novinho, sabe, o cachorro que era pajem dele. É, eu fazia uma cama, limpava tudo debaixo do pé de café, ia lá olhar pra ver se não tinha cobra perto, sabe, e limpava assim debaixo, fazia a caminha pra ele ali e eu pegava e dava de mamar pro menino e colocava pra dormir ali e ia trabalhar, e o cachorro deitado a par com ele, até mosquito que vinha o cachorro abocava. Quando

ele [fiscal] via que nós estávamos com 20 quilos de café bem longe, ele vinha e trocava o menino de lugar, e tinha que chamar o cachorro, porque senão o cachorro estranhava até ele. Um cachorro dessa altura assim, grandão. Então, o cachorro que foi a pajem do meu filho mais velho. É, de lá pra cá, ele vinha pajeando os outros que vinham nascendo [...]. Lá no Paraná, teve gente [...], coitada das mulheres, que saía pra trabalhar, que era por precisão, porque o que ganhava o marido não dava pra sustentar e manter muito a casa. Até criança, coitadinha, sofria no meio da roça. A mãe trabalhando e a criança engatinhando no chão quente, atrás da mãe, chorando até que a mãe tinha que pôr ele num canto. Levava tudo junto pra roça [...]. Enquanto eu estava trabalhando, eles ficavam brincando. Quando eles queriam mamar e choravam, eu corria lá pra dar de mamar e depois fazer a cama, e a criança dormia e as outras crianças ficavam brincando ali ao redor dela, na sombra dos pés de café. Aí o cachorro já tinha morrido, que pajeou o primeiro, aí os outros meninos cuidavam do mais pequeno. Mas ficaram todos crescidos só assim, um pajeava o outro e os outros que vinham, os mais grandes, podiam cuidar dos outros, mas tudo na lavoura de café (Maria Tereza, 70 anos, depoimento colhido em Guariba (SP), 2010).

No Vale do Jequitinhonha, a presença das meninas ao lado das mães foi verificada na roça, no artesanato de peças de argila, no tear e também nas feiras.

Eu aprendi a tecer quando tinha 12 anos na minha casa, com minha mãe. Então, trabalhava naquele tearzinho [...]. Depois fui suspender [apurar] garapa para os outros. Naquele tempo, o povo moía a cana em engenho de pau, punha a garapa no tacho com fogo para ir secando e para fazer a rapadura. Depois, eu ia fazer farinha. Tocava roda durante três meses encarrreados [seguidos], sem cansar [...]. Depois me casei, tive quatro filhos e fiquei viúva. Aí voltei a trabalhar no tear e na roça. Fazia as cobertas e vendia

na feira. Criei meus filhos assim, no tear e na roça (Antônia, 60 anos, depoimento colhido em Roça Grande (MG), 1988).

Nas florestas de babaçu maranhenses, as crianças acompanham as mães na coleta e também na quebra do coco. Apesar de serem atividades penosas e perigosas – pois, durante a coleta, os riscos de picadas de cobra são muito frequentes e a quebra do coco é feita a machado –, as meninas aprendem desde tenra idade o manuseio do machado para a retirada das amêndoas do coco.

O tempo todo, desde menina, era quebrando coco com minha mãe. Ainda hoje, a gente quebra coco diariamente. As mais novas deixam os meninozinhos em casa, na casa das avós, tias, amigas, mas os outros e nós vamos para a roça. Aqui a gente trabalha demais (Maria Ferreira, 50 anos, depoimento colhido em Timbiras (MA), 2007).

Todos os depoimentos apontam para a socialização do trabalho desde a mais tenra idade. Poucas são as lembranças de brincadeiras na infância, posto que esse período é lembrado como tempo de aprendizado do trabalho em casa, na roça ou cuidando dos irmãos menores. Ademais do trabalho infantil, casaram-se muito cedo e tiveram muitos filhos e sempre conciliaram o trabalho da casa com o extradoméstico, mesmo quando os filhos eram pequenos. A análise das trajetórias revelou a presença de muitos pontos comuns, derivados da introjeção de comportamentos impostos pelo processo de socialização, como também vários momentos de resistência diante das situações de domínio e exploração. As histórias de vida foram consideradas singulares, pois elas revelaram os elementos das diferenças havidas entre elas.

Constatou-se que as trajetórias refletem uma verdadeira mitobiografia, constituída por relações de dominação e exploração, existentes graças ao entrelaçamento do capitalismo, racismo

e patriarcado (SAFFIOTI, 2004). A ideologia de gênero revela que o universo simbólico, pautado na tradição religiosa judaico-cristã, justifica a situação dessas mulheres como sofredoras, portadoras de um destino já predefinido. O sofrimento faz parte das representações que têm de si mesmas. No entanto, reagem contra essa ideologia, subvertendo, em muitos casos, a ordem patriarcal vigente.

Até o final da década de 1980, a presença das mulheres nos canaviais paulistas era muito constante. Desempenhavam as tarefas relacionadas ao plantio, à capina, à colheita, à recolha de “bitucas”,⁴ ao controle de pragas e ao preparo das mudas, não raro, manuseando herbicidas sem os EPIs.

Aí nós vamos lá, depois a gente vai cobrindo, conforme a necessidade, ou vai regar porque sempre descobre. Então está sempre jogando torta para não descobrir. Aí a cana nasce; conforme ela vai crescendo, então é pulverizada com veneno e tratada com certo tipo de herbicida. Aí, depois de grande, vai para a lavoura. Aí a gente leva e planta. A gente mesmo planta na lavoura. É plantada dentro do sulco, um sulco cheio de água. Até lá a gente tem que trabalhar sem sapatão, não pode trabalhar de sapatão. Que o sulco é cheio de água, porque a cana é plantada com um chucho. Conforme a senhora arranca, sai a gema. Aquela gema tem que ficar, então a senhora bate um pouco a terra, depois tem o chucho. O chucho é um pau e a gente faz uma ponta nele; o sulco é cheio de água, aí a gente mede 20 centímetros, que são 2 passos. E faz o buraco e põe ela dentro e puxa a terra, com a mão, com o pé, conforme for mais fácil. Aí tem que ser descalço (Maria, 50 anos, depoimento colhido em Santa Rosa de Viterbo (SP), 1998 – após seis meses dessa entrevista, a depoente foi diagnosticada com câncer na garganta e faleceu em seguida).

Outro relato, colhido alguns anos mais tarde, demonstra uma nova técnica de plantio por meio da combinação de caminhões, tratores, homens e mulheres.

4 As “bitucas” são os restos de cana deixados pelos guinchos nos canaviais. Para evitar que haja proliferação de bactérias e infestação da área de cana, há necessidade da retirada das canas, tarefa que é exercida por mulheres, que consiste em juntar as canas em montes, a fim de serem transportadas à usina. Trata-se de uma tarefa estafante, posto que as mulheres ficam agachadas durante toda a jornada de trabalho, o que lhes traz sérios danos à saúde, sobretudo, à coluna vertebral (SILVA, 2011).

E também pra plantar eles só escolhiam nós, mulheres. Porque nós acompanhávamos o caminhão picando a cana no sulco. Porque o sulco é assim. A cana vai dentro do sulco. Então quer dizer que vai o sulco assim, o caminhão vai aqui. Aqui cinco sulcos, três sulcos. Então quem vai na beira [perto] do caminhão tem que ficar mais pra trás porque, se ela ficar na mesma distância que a outra, pode acontecer da cana cair na cabeça da gente, quando o homem que está em cima jogar a cana. Então tem que ficar atrás do caminhão. É onde nós recebíamos aquele vapor do caminhão, que ficava mais pra trás daquele negócio, e o vapor ficava todo na gente. Então eu ia bem mais pra trás, quando eu pegava ali. Porque uma pegava aqui, outra aqui e outra aqui. Agora, quando terminava a fileira, o caminhão ia fazer a volta. Então aquela que pegou aqui, ia pegar na beirada. E essa que estava aqui na beirada passava pra cima, e aquela do meio passava pra baixo. E a de cima passava pra baixo e aquela que estava aqui passava pra cima. Cinco pessoas pra cima, porque tinha uma que ia arrumando a cana em cima do sulco. Porque era a cana, quando o trator passava tinha que jogar cana ali. O trator fazia o sulco, aí ia jogando aquela cana que ficava em cima do sulco. Uma ia jogando e outra ia picando. Tinha que ser muito rápido porque o caminhão não esperava, não; e, atrás de nós, vinha o trator jogando terra para cobrir os sulcos. Em cima do caminhão, ficavam dois homens na frente, um no meio e dois atrás, quer dizer que eram cinco pessoas também (Clarice, 71 anos, depoimento colhido em Ibaté (SP), 2005).

Ah, laranja é assim, a gente chega lá, passa primeiro na fazenda, *molha os pés no veneno, porque tem que molhar o pé no veneno para poder entrar na fazenda*; veste roupa da fazenda, porque não deixam trabalhar com a roupa da gente. Tem uma roupa própria para trabalhar na fazenda. Eles não deixam trabalhar com a própria roupa que a gente usa. É calça comprida e camisa, ou é macacão. Porque roupa lá é lavada com veneno. Porque na entrada nós já molhamos o pé com veneno, molha o sapato para entrar na fazenda, molha

o ônibus também. Chegando lá, nós almoçamos, cada um pega um eito desses, quando acabamos de almoçar, pega-se a sacola [...]. Subo numa escada de ferro, para apanhar a laranja, fica escorada lá sem segurar e apanhando laranja na sacola, aí, enche e põe na caixinha. E aí tem que soltar num saco [embornal] desse daqui. Enche e carrega. É três ruas para cá e três ruas para baixo. A gente carrega isso o dia inteirinho. Isso aqui no pescoço. E cheio, minha filha! Pesa 27 quilos. A gente sobe com esse embornal na escada, com ele pendurado no pescoço. Quando o saco enche, desço da escada e vou até a banca e deposito lá na caixinha, para depois o caminhão pegar a laranja. Aí, eu pego outro saco, ainda saio aqui de novo e saio outra vez. Chego com outro saco e coloco lá, e pego outro e já saio outra vez, é desse jeito. O serviço é corrido. Se a gente trabalhar devagarzinho, não faz nada. Não faz nadinha, nadinha. Tem que ser corrido o serviço. Você para, você bebe uma água correndo e sai correndo para trabalhar. Você acaba de comer, você sai correndo para trabalhar também. Não para nem para almoçar. Só por dia. Por dia nós só temos a hora de almoço; na empreita não paramos para o café, não. Consigo apanhar até 100 caixas de laranja por dia. Sou uma das melhores (Maria, 45 anos, depoimento colhido em Rincão (SP), 2004, grifo nosso).

A gente [o pai, a depoente e o irmão] saía com as estrelas e voltava com as estrelas. Isso de domingo a domingo, a gente trabalhava. Tem meu irmão que gostava de sair atrás da namorada, mais eu ficava ali com meu pai trabalhando. Depois que a gente saía da lavoura, eu ainda ia fazer canteiros de verduras com ele. Na época que dava geadas, agora nem tem direito, aquele tempo dava aquelas geadas muito fortes. A gente ia para lavoura de madrugada, não tinha assim calçado suficiente. Eu me lembro que uma vez o japonês nos avisou que a gente iria perder a roça de tomate. Se a gente trabalhasse. Nós fomos todos para roça de madrugada, aliás, fomos de noite e fizemos uma fogueira, ficamos lá no rancho aguardando a hora que eles avisassem

que estava geando. Por quê? Porque aí a gente saía em volta da lavoura colocando fogo no pó de serra com óleo diesel. Porque aí fazia fumaça, cobria a lavoura e evitava a queima. A geada não pegava. Eu lembro que a gente não tinha calçado e meu pé gelava muito e dóia. Eu embrulhava o pano no pé. Aí falava para o pai: “A hora que tiver que sair correndo, eu tenho que arrancar esse pano, porque senão ele vai fazer eu cair”. Em 1983, eu entrei na usina, no mês de janeiro, eu lembro que eu comecei a trabalhar, minha carteira foi registrada dia 16 de janeiro de 1983 [...]. Aí eu fui para o canavial cortar cana, só que eu entrei no canavial com fome. Há uma coisa que os trabalhadores rurais fazem até hoje, sabe? *Se tiver alguém que vai sem comida para roça, juntam grupos de trabalhadores e cada um tira uma colher de sua marmita e coloca na vasilha vazia do outro.* Eles falavam assim, “você traz o seu caldeirão”, na época era caldeirão, “você traz o seu caldeirão vazio, pode trazer ele vazio que a gente arruma comida”. Ninguém dá a marmita dele, mas cada um dá uma colher, sabe? Eles enchiam meu caldeirão de comida, mas eu não conseguia comer, porque meus filhos estavam sem comer em casa. Aí eu vinha para casa, trazia aquela comida, muitas vezes azedava. Os 15 primeiros dias do meu serviço foi muito difícil. Por quê? Eles me davam comida, eu trazia. Eu não conseguia comer lá. Depois de 15 dias, eu pude comprar algumas coisas. [...] A gente trabalhava no sábado até de noite, era uma coisa que não tinha limite. No meio da semana, não tinha limite para a gente sair, o serviço na usina era muito sacrificado, eu comecei a questionar, sabe? Eu questionava muito aquilo ali. Eu comecei a organizar os trabalhadores, aí vinha o homem do carrinho, que são os administradores. O pessoal já não ia ver o que ele queria, eles já me mandavam; se tinha uma coisa que acontecia na roça, eles mandavam eu, sabe? Então ficou assim, eu fui me tornando uma liderança deles. Assim, sem saber. Uma vez eles colocaram a Julinha de gancho, foi num final semana, hoje eu descobri qual a estratégia do gancho. Naquela época eu não sabia qual era. Ela não fez nada. Ela pegou uma cana, pegou uma cana de

tarde que ela estava com fome, quebrou e estava chupando. Aí o Itamar, que era fiscal, colocou ela de gancho. Eu já estava indo lá na frente, nós já estávamos indo embora, não estava trabalhando, já tinha encerrado o expediente. Eu estava lá na frente e as mulheres correram lá e falaram: “Carlita, o Itamar colocou a Julinha de gancho!”. Mas ela não está trabalhando. Por quê? Aí eu diminui o passo, eles me alcançaram, eu falei: “O que aconteceu, Julinha?”. [Ela respondeu:] “Ele me colocou de gancho, diz que amanhã é para eu não vir”. Eu falei: “Imagina!”. Para todo mundo aí. Catamos ele ali. “Itamar, por que você colocou a Julinha de gancho?” [Ele respondeu:] “Porque ela catou a cana, e não tem ordem para quebrar a cana”. Eu falei: “Primeiro, o seguinte: se você quiser descontar a cana dela, ela não está em horário de serviço, para você colocar ela de gancho, ela já está no horário livre dela, ela pode chupar cana, ela pode deitar e rolar, ela pode fazer o que ela quiser. Se ela estivesse no horário de serviço, talvez você pudesse fazer isso, mas ela não estava”. [Ele disse:] “Ah, está bom, Julinha. Então amanhã você pode vir”. [E eu falei:] “Vai vir mesmo, porque, se ela não vier, a gente não vai trabalhar, ninguém vai trabalhar amanhã [...]”. Eu estava no caminhão. Tinha um turmeiro aqui com 25 turmas, só dele. Nessa época era o Zé Murinário, ele tinha 25 turmas, mas na roça acontecia muito injustiça. Muito mesmo, questão de oito, questão de assédio em cima das mulheres. O assédio era uma das coisas piores, se entrava uma mulher mais elegante, mais bonita, pronto! Aquela mulher ali, ou ela ia ser amante do fiscal, ou amante do turmeiro, ou amante de um pai de turmeiro, ou amante de um administrador. Porque, se ela não fosse isso, ela não tinha sossego. Era assim com todas as mulheres na roça. Eu tive uma inserção muito grande no meio dos trabalhadores, mas isso era automático, *porque eu brincava, eu brigava também, eu não aceitava de jeito algum, eu sempre briguei*. Uma vez a gente estava ali na meia-lua e estava chovendo demais; nosso fiscal, ele já até morreu, o Vilsão, ele fez a gente tirar cana podre de uma lagoa. Era assim, tinha mulher menstruada, tinha pessoa que não podia

entrar na água e ele fez todo mundo entrar. Ele ficou perto do caminhão debaixo do guarda-chuva e nós todas na chuva trabalhando. Vi aquilo lá, eu tirei uns 3 metros de cana. Aí a Luzia, a gente falava Luzia gorda, ela caiu, eu achei uma injustiça, ela não tinha condições, ela era muito gorda, sabe? Mas ela era tradicional na usina, ela tinha quase 40 anos de usina. Então eles não mandavam mais ela embora, mas ela não conseguia mais trabalhar. Ele começou a rir. Aí eu falei: “Dolá”, porque a gente sempre tem um grupinho que pega eito perto, almoça junto e tal. Era eu, a Dolá, a Conceição e a Marta. Aí eu falei assim: “Oh, Dolá, eu vou catar o Vilsão, agora!”. [Ela disse:] “Ah, Carla, você vai fazer isso?” [Eu continuei:] “Eu vou! Cuidado! Olha o seu serviço! Ah, eu não estou nem aí”. Fui lá e falei para ele: “Vilsão, qual é o seu serviço na sua carteira?”. [Ele respondeu:] “Trabalhador rural”. Eu falei: “O meu também é trabalhador rural; então, se você pode ficar debaixo do guarda-chuva, nós também podemos entrar aí e ficar debaixo da proteção do caminhão”. [E ele disse:] “Ah, mas vocês não podem!” [Eu falei:] “Onde está escrito que nós não podemos? O Antônio passou, eu vou esperar e falar com ele”. Ah, o homem do carrinho,⁵ o senhor Antônio, eu falei com ele que não era justo, olha a chuva que caía, se cair um raio, vai matar a gente. Eu disse: “Por que o fiscal pode ficar debaixo do guarda-chuva e nós todos temos que estar naquela lagoa, tirando cana daquela água podre, gente caindo e quase morrendo?”. Aí ele pensou e disse: “Mas é a ordem!”. [Eu falei:] “Mas ordem de quem? Nós não vamos mais ficar na lagoa, não. Eu vou subir agora e ficar lá em cima do caminhão, não vou trabalhar enquanto estiver chovendo, vocês fazem comigo o que vocês acharem certo”. Daí eu continuei: “Vem, Dolá”. Aí eu vim, veio todo mundo. Aí começou aquela coisa, sempre eu tomando a frente (Carlita, presidente do Sindicato de Empregados Rurais de Cosmópolis (SP), 2006, grifo nosso).

5 Maneira de se referir aos homens do escritório da usina que exercem as funções de controle e que passam nos canais de carro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a ideia proposta no início deste texto, acerca da análise das trajetórias laborais, das lembranças dominantes dessas narrativas, somente poderá ser enriquecida na medida em que o contexto social for levado em conta. Essa é uma das maneiras de particularizar as narrativas à luz dos conceitos. O universo analisado refere-se às mulheres pobres, trabalhadoras rurais e, na maioria, não brancas. Mulheres cujas trajetórias registram a dominação e exploração de classe, gênero e raça/etnia. Os “pontos brilhantes” de seus itinerários refletem o fardo que recai sobre seus corpos. Trata-se de um brilho ofuscado por períodos de miséria, fome, medo, inseguranças, resistências, lutas, vitórias, perdas. A trajetória laboral é marcada por um trabalho extenuante, desqualificado e desvalorizado. A superexploração do trabalho é um dos pontos mais lembrados. O alcoolismo dos maridos, associado em muitos casos à violência praticada por eles, constitui-se em pontos dramáticos da narrativa.⁶ O esforço desempenhado na criação e no estudo dos filhos, para que eles não tivessem o mesmo destino que elas, é o outro elemento em torno do qual as lembranças giram.

6 Em razão do limite de páginas, os depoimentos acerca da violência praticada por muitos homens sobre as mulheres não foram inseridos neste texto.

Suas narrativas tecem a trama de suas vidas, que só existem como dramas. Talvez o ponto brilhante resida na capacidade de tecer a própria história, recriando-a, reinventando-a, imprimindo-lhe nuances resultantes da luta pela sobrevivência. Ao contarem suas histórias, permeadas por profundas emoções, chegam ao fim da narrativa com um sabor de vitória. Afinal, lograram sobreviver. A luta pela sobrevivência é o ponto brilhante em torno do qual toda a história, apesar de fragmentada, é tecida.

Lutar pela sobrevivência não significa apenas trabalhar, porém, não raramente, inserir-se nas lutas políticas e sociais dos trabalhadores em busca dos direitos negados, experiência forjada por muitos deles ao longo de suas vidas. As narrativas expressam vozes que almejam ser escutadas. Vozes que foram

e continuam sendo abafadas pela ideologia dos donos de fazendas, usinas e também do Estado, cujo teor é o incentivo à maior produtividade do trabalho, assentada em métodos de exploração que se assemelham aos primórdios do capitalismo no século XIX. A imbricação entre as narrativas e as memórias de um passado fragmentado é carregada de sentidos e simbolismos, tecidos nas colchas dos tearzinhos, nos potes de argila, nos feixes de cana, nas amêndoas do coco babaçu, em baixo dos pés de café, nas lagoas de cana podre, nos sulcos cheios d'água, nos pés molhados de veneno, no caldeirão sem comida, na recusa de ser chamada pé de cana, na defesa de Julinha e Dolá... Narrativas que fazem parte da história, embora negada pela história. Que os “pontos brilhantes” dessas narrativas possam, de alguma maneira, servir de fermento para outra história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRIOLLI, Carmen Silvia. *Nas entrelinhas da história, memória e gênero*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=8576>.

AUGRAS, Monique. *Dimensão simbólica: o simbolismo nos testes psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BATTAGLIOLA, F. et al. *Dire sa vie: entre travail et famille. La construction social des trajectoires*. Paris: CNRS/CSU–Iresco, 1991.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990.

BERTAUX, Daniel. *Destinos pessoais e estrutura de classe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

_____. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potencialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. LXIX, p. 107-225, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Barsa, 1967.

- BOBBIO, Norbert. *O tempo da memória*. De Senecture e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaína (Coord.). *Usos e abusos da história oral*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FERRAROTTI, Franco. *Histoire et histoire de vie*. La méthode biographique dans les sciences sociales. Paris: Librairie des Méridiens, 1983.
- GROSSI, Yone Souza; FERREIRA, Amauri Carlos. Razão narrativa: significado e memória. *História Oral*, n. 4, p. 25-38, jun. 2001.
- LOBO, Elisabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LAURETIS, Teresa de. Preface and the technologies of gender. In: *Technologies of gender*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- MATHIEU, Nicole-Claude (Ed.). Quand céder n'est pas consentir. Des déterminants matériels e psychiques de la conscience dominée des femmes et de quelques-unes de leurs interprétations en ethnologie. In: *L'arrondissement des femmes*. Essais en anthropologie des sexes. Paris: L'École de Hautes Études en Sciences Sociales, 1985, p. 169-211.
- MEYER, Eugenia. Desconstrucción de la memoria, contrucción de la historia. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, 19 (1), p. 127-136, 1998.
- PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. *Projeto História*, (10), p. 29-40, 1993.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2 (3), p. 3-15, 1989.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero e patriarcado, 2003, mimeo.
- _____. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani; ALMEIDA, Suely Souza. *Violência de gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. De colona a boia-fria. In: PRIORE, M. del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, Edunesp, 1997, p. 554-577.

_____. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Edunesp, 1999.

_____. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. *Perspectivas. Revista de Ciências Sociais*, v. 39, p.11-46, 2011.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MELO, Beatriz Medeiros; APPOLINÁRIO, Andréia Peres. A família tal como ela é nos desenhos das crianças. *Ruris*, n. 1, p. 105-156, 2007.

THOMPSON, Edward Paul. *A miséria da teoria*. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

VILANOVA, Mercedes. La historia sin adjectivos con fuentes orales. *História Oral*, n. 1, p. 31-42, jun. 1998.

MARIA APARECIDA DE MORAES SILVA – Professora livre-docente aposentada da Unesp – Araraquara, professora do PPG/Sociologia da UFSCar e do PPG/Geografia da Unesp/PP, pesquisadora do CNPq, <maria_moraes@terra.com.br>.